

Universidade de São Paulo (USP)
Instituto de Relações Internacionais



Pós-Modernidade, Teoria e Prática: Elias e o Mundo Artístico

FSL0115 - Persistência e Mudança Social

Natália Martins Fritzen - nº 9775300

Matheus Cabral de Oliveira Rodrigues - nº 9775370

1. Introdução: Regimes de Acumulação Capitalista e a Pós-Modernidade

Essa pesquisa começa a desenvolver seu raciocínio a partir da ideia de que as relações sociais capitalistas, para existirem, necessitam que a lógica capitalista de acumulação de capital esteja assentada em estruturas que a viabilizem.

No pós Segunda Guerra, já no período da Alta Modernidade, a lógica capitalista se estabiliza quando se apoia no regime de acumulação fordista-keynesiano, o qual possui uma ênfase na demanda, gerando um modo de vida muito calcado na perspectiva do consumo.

O principal ponto desse fenômeno é, talvez, o fato de que tal regime, no limite, acaba sendo associado a um modo e a um estilo de vida que, em última instância, se associa também a formas culturais. Essa associação entre instituições capitalistas estáveis e formas culturais é o que permite definir aqui - seguindo a perspectiva de David Harvey - a pós-modernidade como sendo a expressão cultural do capitalismo avançado.

No pós Segunda Guerra, sob a égide dos preceitos do sistema fordista-keynesiano, reinava uma cultura ainda muito ligada ao Iluminismo, uma cultura que, priorizando a racionalidade, se apegava às grandes narrativas de verdades universais e perpetuava uma lógica totalizante, resultando em uma sociedade que a todo custo buscava combater a efemeridade. Contudo, a partir de 1968 o que se vê é uma concretização de uma mudança nesse sentimento, nessa cultura. A racionalidade, enquanto causa da extrema padronização que a sociedade padecia, é cada vez mais mal vista, e a efemeridade, por sua vez, é cada vez mais acolhida. Essa mudança de cultura sinaliza para o último suspiro do modelo fordista-keynesiano e indica a ascensão de outro regime, um regime, por vezes, definido como “capitalismo avançado”. Esse novo regime, por sua vez, na medida que sinaliza para um novo modo de vida, vai ser acompanhado de um novo sentimento cultural, que para os fins deste trabalho, é a pós-modernidade.

Entender a pós-modernidade através dessa perspectiva cultural é útil na medida em que, embora os sentimentos para com o mundo e as formas de vê-lo tenham se modificado, as estruturas econômicas, políticas e etc, no geral, se mantêm mesmo após o maio de 1968. A sociedade existente depois do maio de 1968 é, ainda, uma sociedade industrial, mas uma sociedade industrial com outros pontos de vista.

Aprofundando essa ideia de pós-modernidade como um aspecto cultural, essa pesquisa trabalha com a ideia de que embora mudanças ditas pós-modernas sejam vistas em muitas manifestações culturais, aqui será feito um recorte, de modo que dentre todos os campos de mudança, serão analisadas mudanças que dizem respeito, principalmente, às formas de pensamento e como essas mudanças são traduzidas no mundo da arte.

Como expoente dessas mudanças no pensamento, será estudada aqui a proposição de Norbert Elias. Ao escrever “A Sociedade dos Indivíduos” em 1939, Elias já dava sinais das mudanças de paradigma que estavam ocorrendo para se pensar a sociedade. Seu texto contém propostas que em muito se alinham com a nova forma de expressão, a pós-modernidade.

2. Maio de 1968 e a Crise do Fordismo-Keynesianismo

Tendo como uma de suas palavras de força a ideia de “ouse falar, ouse pensar, ouse agir”, as manifestações do maio de 1968 se distanciam, e muito, dos protestos anti-capitalistas anteriores, possuindo um viés muito mais cultural, não buscando tomar os meios de produção.

Por uma série de motivos, os protestos de maio de 1968 saem das expectativas revolucionárias - principalmente de caráter marxista - existentes até então. Em primeiro lugar, as manifestações não eclodem em um contexto de crise econômica. Pelo contrário, elas eclodem em um momento de crescimento, uma época conhecida como “trinta gloriosos” (1945-1975). A mensagem que se tira disso é que mesmo em momentos de bonança financeira, mesmo quando o operário é tanto consumidor quanto detentor de direitos, movimentos anti *status-quo* podem eclodir. Esse fato corrobora com a ideia de que o maio de 1968 é o estopim da crise do modelo fordista-keynesiano, mas não das estruturas capitalistas como um todo, o que vai levar a mudanças no modo de vida - e nas relações culturais - e não nas estruturas econômicas e políticas, permitindo, assim, o surgimento da pós-modernidade tal como aqui se entende.

Talvez a principal razão para o maio de 1968 representar essa mudança fundamentalmente cultural no mundo capitalista seja o fato de ele estar permeado pelo romantismo revolucionário. Enquanto o romantismo como escola literária do século XIX é marcado por um saudosismo em relação ao passado, toda essa nostalgia, em 1968, foi transformada em uma espécie de utopia. Parte dessa utopia é resultante do mal estar gerado pela sociedade padronizada e monótona em que se vivia, onde tudo e todos eram tratados como uma mercadoria que deveria ser consumida em massa. Uma sociedade que, em última instância, tinha como base do pensamento a ideia de que apenas a técnica advinda da racionalidade traria a emancipação humana.

Esse é outro ponto no qual as manifestações também vão se diferenciar da revolução proposta por Marx, pois ele também acreditava que o mundo poderia ser explicado - não pela razão iluminista, claro, mas sim por seu materialismo histórico. Contudo, para quem vivia o mal-estar da época, tanto a racionalidade iluminista quanto o materialismo histórico são grandes narrativas totalizantes, narrativas que tentam colocar ordem no caos do mundo a todo custo, perpetuando o sentimento de monotonia.

Assim, o maio de 1968 configura como uma tentativa urgente de se livrar desse mal estar, tão urgente que não poderia esperar uma revolução sobre a qual não se tinha certeza e que iria acontecer e que, mesmo que acontecesse, seria feita por homens brancos e héteros, os quais não necessariamente acabariam com outras formas de opressão presentes no *status quo* da modernidade.

Dessa forma, o maio de 1968, minando o sistema fordista-keynesiano, busca lançar um novo modo de vida, fato que consequentemente vai levar a novas formas de pensar, agir e sentir, e todas essas mudanças, por sua vez, vão vir a enquadrar o que de mais tarde será tido como o fenômeno de caráter cultural que é a pós-modernidade.

3. Elias e a Pós-Modernidade

A obra de Elias está, em grande parte, ligada a esse contexto de pós-modernidade. Somente a partir desse contexto - com a quebra de um mito da racionalidade e das grandes narrativas típicas da modernidade - é possível compreender as proposições de Elias quanto à natureza da sociedade e sua relação com o indivíduo.

Está implícita no pensamento iluminista dos séculos XVIII e XIX uma ideia de supremacia do papel do indivíduo na relação indivíduo-sociedade. O princípio de que o ser humano, de posse de sua racionalidade, pode trabalhar para moldar a sociedade da forma que considerar a mais apropriada está presente em todas as grandes narrativas construídas no século XIX. Elias desafia essa noção - ao mesmo tempo em que o faz com a posição oposta - e constrói uma posição ao centro dessas perspectivas. Na concepção do autor a individualidade não é algo definido no nascimento, ela é moldada nas relações de um indivíduo com as outras pessoas, entretanto a existência dos indivíduos é essencial para a sociedade - aqui enxergada como a rede de suas relações.

Nesse sentido, o autor atribui uma relevância menor a indivíduos nas grandes transformações que ocorrem na sociedade - em grande medida, os indivíduos possuem certo controle sobre suas ações, mas não o tem sobre as repercussões dessas ações, de forma que, não se pode, de fato, atribuir a indivíduos específicos certas transformações. Se a sociedade fosse representada (parafraseando o exemplo dado pelo próprio Elias) como uma rede na qual os indivíduos seriam os nós e suas relações representassem os fios, pode-se imaginar a atuação de um indivíduo específico como uma perturbação do equilíbrio dessa rede, que se propaga ao longo dela. Entretanto, a nova forma assumida pela rede dependerá muito das respostas dos outros nós a essa perturbação. Além disso, também é preciso ter em mente que a própria forma como o indivíduo perturba a rede é uma função das perturbações por ele recebidas durante a construção de sua personalidade.

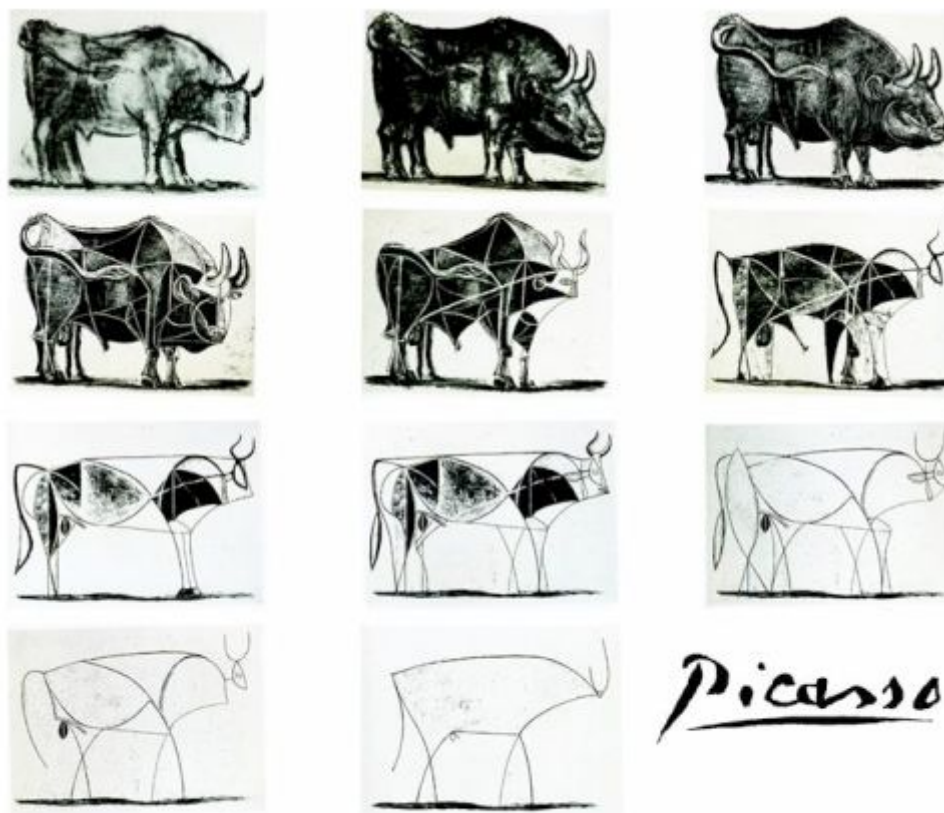
Na medida em que Elias começa a questionar a ideia de controle do ser humano - através da razão - sobre a sociedade, ele se insere em um contexto de reação às ideias do Modernismo e, em certa medida, adota uma postura de aceitação do “caos” - que configura um dos traços da expressão pós-moderna. Nesse contexto, podemos extrapolar do texto de Elias uma das mudanças esquemáticas trazidas pelo movimento pós-moderno, a preponderância do **significante** sobre o significado. Na medida em que as ações dos indivíduos não têm a capacidade de, sozinhas, atingir os objetivos para as quais foram realizadas, as ações em si passam a ter uma preponderância sobre sua intenção original, como será mais bem explorado posteriormente.

O trabalho de Elias pode ser encarado como uma manifestação de uma mudança gradual de paradigma para se pensar a dinâmica das relações sociais no mundo. De fato, seu trabalho só se mostra possível quando uma perturbação da rede de relações sociais ocorreu em direção à contestação do modo de vida e da dinâmica social modernista, ao mesmo tempo em que ele também contribui para a disseminação e fortalecimento dessas ideias, ele foi uma entre as tantas perturbações da rede social que pode ter levado aos movimentos contestatórios do Maio de 1968.

4. As Relações Artista-Público na Pós-Modernidade

Como dito na Introdução¹ uma forma de criar uma conexão entre a pós-modernidade e as ideias de Elias, é pensar como as relações entre os artistas e seu público mudaram com a passagem da modernidade para a pós-modernidade. Para iniciar a linha de raciocínio que permite essa comparação, é útil começar com a seguinte ideia: entender pós-modernidade como um modo de vida, e consequentemente um modo de cultura, é também, no limite, entender cultura como um modo de vida, e entender cultura dessa forma é se aproximar de uma perspectiva antropológica. Ou seja, partindo dessa visão, tem-se a ideia de que cultura está presente em todas as faces da vida, ela é algo que temos segundo a natureza, e que dessa forma, é algo pré-reflexivo, as obras não são produzidas, necessariamente, após um árduo processo racionalizantes.

Essa perspectiva se contrapõe à ideia de cultura como algo sociológico, ou seja, cultura não como um modo de vida mas sim como apenas uma das muitas faces da vida. Esse é o campo das grandes obras, onde a arte é produzida de forma pós-reflexiva. Um exemplo disso é o Touro de Picasso, no qual ele parte da imagem de um touro original e, a partir dela, vai depurando as suas formas mais puras, até chegar na sua figura final, como ilustrado a seguir:



Pablo Picasso, Bull (plates I - XI) 1945

¹ Ver página 1.

Outro fato que ajuda a entender essa mudança nas relações entre autores e seu público é a aceitação da **efemeridade** por parte dos pós-modernos. Analisando tal fenômeno por meio de uma perspectiva linguística, Harvey alega que:

“ Para Lyotard, apesar de o vínculo social ser linguístico, ele não é tecido como um único fio, mas por um número indeterminado de jogos de **linguagem**. Cada um de nós vive na intersecção de muitos desses jogos de linguagem. Em consequência, o próprio sujeito social parece se dissolver, por vezes, nessa disseminação de jogos de linguagem.” (HARVEY, David; 1992)

Uma das consequências dessa aceitação dessa fragmentação, pluralismo e autenticidade, aliada ao surgimento de novas tecnologias de disseminação de informações é que:

“Enquanto os modernistas pressupunham uma relação rígida e identificável entre o que era dito (o significado, a mensagem) e o modo como estava sendo dito (o significante ou o meio), o pensamento pós-moderno os vê se ‘separando-se e reunindo-se continuamente em novas combinações’. Escritores que criam textos ou usam palavras o fazem com base em todos os outros textos e palavras com que se deparam, e os leitores lidam com eles do mesmo jeito. A vida cultural é, pois, vista como uma série de **textos** em intersecção com outros textos produzindo mais textos. (...). Esse entrelaçamento textual tem vida própria. O que quer que escrevamos transmite sentidos que não estavam ou possivelmente não podiam estar em nossa intenção, e as nossas palavras podem não transmitir o que queremos dizer.” (HARVEY, David; 1992)

Essa ideia de múltiplas redes de linguagem e das consequências que isso trás vai ao encontro da rede esboçada por Elias. Assim como na rede de Elias, onde as ações de pessoas específicas podem produzir - devido à interação dessas ações com outros agentes - efeitos que não haviam sido planejados, as palavras utilizadas em um texto - em sua interação com os leitores - produzem novos significados que não estavam nas intenções originais do autor. Nota-se que ambos os fenômenos têm em comum a necessidade da **interação** com outro agente antes que o resultado possa ser, de fato, produzido, de forma que, o agente não possui o controle sobre as consequências de sua obra. A partir dessa perspectiva, **os movimentos culturais pós-modernos abandonam a postura do planejamento e buscam algo “mais orgânico”**, deixando a interpretação final de suas obras para o público.

Na busca por algo mais orgânico, encontram-se **as novas perspectivas em relação à arquitetura e ao planejamento urbanístico**. Em vez de procurar formas ideais que agradam o Homem, para Venturini, em seu manual *Learning from Vegas*, os arquitetos ganham mais aprendendo sobre **paisagens urbanas e comerciais e produzindo cidades para as pessoas de fato**.

Seguindo essa lógica de produzir para as pessoas e aliando a ideia de que as pessoas são livres **para fazer suas interpretações**, pode-se dizer que há uma certa democratização da arte, e que embora isso seja algo positivo, em última instância, acaba gerando uma produção artística de massa,

muito expressa nas obras de **colagem**, tal como o Pop Art, de Andy Warhol. Essa democratização, ainda, produz o que é chamado de “arte fria”, em que o processo de criação tende a ser mais repetitivo do que criativo (“arte quente”), objetivando, muitas vezes, a venda. Isso justifica, em parte, o fato de a própria arquitetura, ao invés de criar seus próprios modelos novos, ter se apropriado do estilo neo-clássico, tal como se vê em muitas das fachadas de condomínios residenciais atualmente.

Por fim, um reflexo da aceitação da fragmentação citada anteriormente pode ser visto nas narrativas pós-modernas, onde o personagem sempre se encontra em um mundo marcado por conflitos e dúvidas, como por exemplo nos filmes *Cidadão Kane* e *Blade Runner*, o caçador de Andróides, dentre outros.

Assim, muitas das características que marcam a pós-modernidade, como a aceitação do caos, por exemplo, estão expressas nas ideias desenvolvidas pelos pensadores influenciados pelo sentimento anti *status quo* da modernidade, tal como Elias - que, com sua ideia de uma sociedade formada por uma rede de relações entre os indivíduos, sinaliza a ascensão dessa nova forma de compreender a sociedade e contribui para colocar em xeque a ideia da racionalidade humana como transformadora, contribuindo para a separação entre o significado e o significante, tão determinantes na expressão artística pós-moderna. E essas características, por sua vez, teoricamente representadas por figurar como Elias, são traduzidas, na prática, pelo mundo das artes, principalmente nas relações entre artistas e público.



Referências Bibliográficas

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.